

ESTRATÉGIAS DE (NÃO) ASSUNÇÃO DE RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM REPORTAGEM QUE COMUNICA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Maria Helena Albé

Doutora, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS, Brasil

Maria Eduarda Giering

Doutora, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS, Brasil

RESUMO: Este artigo, voltado ao estudo da responsabilidade enunciativa (RE) no âmbito da Análise Textual dos Discursos (ATD), propõe-se investigar de que modo se materializa linguisticamente este fenômeno no quadro preparatório da citação do texto principal de reportagem que comunica ciência e tecnologia. Para isso, elegemos como categorias de análise (a) os diferentes tipos de representação da fala e (b) as indicações de quadros mediadores dentre as oito enumeradas por Adam (2011). Para a investigação da categoria (b), buscamos apoio em Guentchéva (1990, 1994, 1996), que desenvolveu a noção de categoria gramatical do mediativo (MED). Para complementar este quadro teórico, optamos pelas contribuições de Calsamiglia e López Ferrero (2003), bem como Calsamiglia e Cassany (2001), ao investigar o quadro preparatório da citação. Igualmente, valemo-nos de Maigneueau (2002), cujo aporte teórico colabora para o exame do tipo de discurso relatado. Para a tarefa de análise, tomamos como *corpus* de estudo a reportagem, matéria de capa da revista *Superinteressante*, publicada em outubro de 2019, em versão impressa. Procedemos a uma abordagem quanti-qualitativa dos dados observados. Os resultados apontam para a eleição, pelo locutor, de um conjunto expressivo de vozes, que ora assumem integralmente a responsabilidade enunciativa pelo dizer, ora a assumem de modo mediado; ora indiretamente, eximindo-se ele, portanto, no quadro preparatório da citação, de assunção de RE. Como conclusão, constatamos a relevância do aporte de vozes diversificadas, tendo em vista a necessidade de respaldar e validar a comunicação de um tema da ciência e da tecnologia a um público não especializado.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Textual dos Discursos. Responsabilidade Enunciativa. Comunicação de Ciência e Tecnologia.

ABSTRACT: This article, focused on the study of enunciative responsibility (ER) in the context of Textual Discourse Analysis (TDA), proposes to investigate how this phenomenon is linguistically materialized on report speech segments on the main text of scientific and technological dissemination news article. To do so, we have chosen as categories of analysis (a) the different types of speech representation and (b) the indications of mediating instances among the eight enumerated by Adam (2011). For the investigation of category (b), we base our analysis in Guentchéva (1990, 1994, 1996), who developed the notion of grammatical category of the mediative (MED). To complement this theoretical framework, we opted for the contributions of Calsamiglia and López Ferrero (2003), as well as Calsamiglia and Cassany (2001), when investigating the preparatory framework of the citation. Similarly, we use Maigneueau (2002), whose theoretical basis contributes to the examination of the type of reported speech. For the task of analysis, we took as a corpus of study the news article, the cover story published on *Superinteressante* magazine, in October 2019, in its printed version. We proceed to a quantitative and qualitative approach to the observed data. The results point to the election, by the speaker, of an expressive set of voices, who sometimes assume the full enunciative responsibility

by saying, sometimes assume it in a mediated way; sometimes indirectly. In conclusion, we note the relevance of the diversified voices input, considering the need to support and to validate the communication of a science and technology content to a non-specialized public.

KEYWORDS: Textual Discourse Analysis. Enunciative Responsibility. Science and Technology Communication.

INTRODUÇÃO

O tema da responsabilidade enunciativa (RE), bem como de sua aplicabilidade tem sido objeto de recorrentes pesquisas no país. Igualmente, ela apresenta-se como um fenômeno que aporta imprescindíveis contribuições aos estudos em Linguística Aplicada, principalmente por relacionar-se com questões voltadas para a prática de leitura e de produção de textos em domínios diversos.

Este artigo propõe-se contribuir com as discussões voltadas ao fenômeno linguístico da RE, principalmente com aquelas engendradas no âmbito dos discursos de mediação da ciência e da tecnologia. Para tanto, investigamos como e mediante quais estratégias é marcada a assunção ou a não assunção de um ponto de vista (PdV), ou seja, de responsabilidade pelo dizer. Interessa-nos investigar a quais vozes é atribuída a responsabilidade pelo conteúdo e qual o seu grau de engajamento; da mesma forma, a escolha do tipo de discurso relatado e, dentre as estratégias empregadas, do verbo introdutor constituem elementos de análise.

Esta pesquisa ancora-se nos estudos da Análise Textual dos Discursos (ATD), elaborada pelo linguista Jean-Michel Adam, desenhando-se como uma abordagem teórica e descritiva no âmbito da Linguística Textual, cujo propósito é conceber o texto e o discurso em novas categorias. Para complementar o que postula Adam (2011, 2012) sobre a RE ou PdV, valemos da contribuição de Guentchéva (1990, 1994, 1996), que traz a categoria do mediativo (MED), por ser de expressiva importância ao que nos propomos abordar. Também buscamos suporte teórico em pesquisadores como Calsamiglia e López Ferrero (2003), bem como em Calsamiglia e Cassany (2001) e em Maingueneau (2002) para aprofundar a análise da RE no quadro preparatório da citação.

Selecionamos, como *corpus* de estudo, uma reportagem publicada na revista *Superinteressante* como matéria de capa, restringindo a pesquisa ao quadro preparatório da citação, isto é, àquela porção do discurso em que o locutor cria um contexto para a inserção do discurso relatado. Os resultados encontrados após a tarefa de análise apontam para o fato de

que cabe ao locutor escolher, estrategicamente, quais vozes contribuirão com o seu saber, com que frequência e em que grau de engajamento: assumindo o PdV diretamente, de forma mediada ou indiretamente.

Pelo fato de nossa análise incidir no quadro preparatório da citação em uma reportagem que comunica ciência e tecnologia a um público jovem não especializado, observamos a eleição de vozes de campos de atuação diferenciados – da ciência, da tecnologia, da empresa, da política e as relacionadas a textos – designados, principalmente, por seu nome completo e vínculo institucional. Predominam as de empresas e de textos, ambos voltados à tecnologia, uma vez que o tema tratado se situa nessa esfera do conhecimento. Igualmente, são vozes de prestígio na sua área de inserção, o que confere credibilidade às informações de que são a origem.

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: em continuidade a esta etapa introdução ao trabalho, segue o quadro teórico que fundamenta a análise; depois, vem a exposição da metodologia empregada, explicitando o *corpus* de estudo, bem como os procedimentos para a consecução da pesquisa. A etapa de análise dos dados e discussão dos resultados encontrados antecede a conclusão deste trabalho.

A seção que segue procura explicitar o referencial teórico adotado, bem como as principais contribuições a esta pesquisa.

QUADRO TEÓRICO

Este trabalho, como já indicado, alinha-se com os estudos da Análise Textual dos Discursos (ATD), elaborada por Adam (2011, 2012). O modelo teórico proposto pelo linguista oferece elementos para o entendimento do texto como uma prática discursiva que pode ser examinada à luz de determinados planos ou níveis de análise. Assim, ele propõe para a ATD oito níveis (N) ou planos de análise textual/discursiva.

Segundo Adam (2011, 2012), todo discurso apresenta um objetivo, uma ação, uma finalidade (N1), que se desenvolve numa interação (N2) situada em determinada formação discursiva (N3) no uso específico da língua. O texto, por sua vez, apresenta uma linearidade, um encadeamento a partir das proposições enunciadas e dos períodos no nível da textura (N4), que formarão as sequências e os planos de texto no nível composicional (N5), que é o nível da estruturação linear do texto. As sequências podem ser analisadas (a) no nível semântico (N6), apoiado na noção de representação discursiva e em noções conexas (anáforas, correferências, isotopias, colocações), que dizem respeito ao conteúdo referencial do texto (RODRIGUES;

PASSEGGI; SILVA NETO, 2010); (b) no nível enunciativo (N7), baseado nas noções de responsabilidade enunciativa e coesão polifônica; (c) e no nível argumentativo (N8), que considera que os objetivos se manifestam como atos de discurso, corroborando para a orientação argumentativa do texto. Desse modo, é possível dizer que a ATD analisa o texto considerando a sua realização discursiva.

Seguindo Adam e seus estudos (2011, 2012), nosso trabalho insere-se no conjunto que considera os níveis de análise textual (N4 a N8), dentre os quais privilegiamos o exame dos elementos correspondentes ao N7: Enunciação – responsabilidade enunciativa e coesão polifônica. Para o linguista (2011), a RE não se separa de um PdV, e ambos se situam no âmbito da polifonia. Ela é, pois, o fenômeno que permite a aferição do grau de engajamento do locutor/enunciador em um ato de enunciação.

Adam (2011) considera o locutor como a pessoa que fala, a pessoa física responsável pela enunciação. Sempre que o enunciador assume a responsabilidade pelo dizer, locutor e enunciador se mesclam; quando o enunciador se exime da responsabilidade, locutor e enunciador constituem entidades distintas. Para o linguista, “[...] os enunciados podem, assim, não ser assumidos pelo locutor-narrador” (2011, p.115), ou porque são atribuídos a outrem (a um enunciador segundo), ou porque são anônimos, constituindo-se em PdV ligados à opinião comum.

Nesse sentido, é possível ao locutor-narrador marcar um distanciamento enunciativo em relação ao PdV proferido, seja (a) adotando estratégias para eximir-se da responsabilidade pelo que é dito, seja (b) delegando-a ao PdV de um outro enunciador e a uma outra fonte do saber, seja (c) delegando-a a um PdV anônimo. Entretanto, se for conveniente aos seus propósitos, o locutor pode (d) atribuir a si próprio certa enunciação, assumindo o PdV.

Adam (2011, p.117) ainda afirma que “[...] o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição é suscetível de ser marcado por um grande número de unidades da língua”. Nessa direção, sem detalhá-las minuciosamente, o linguista enumera suas oito grandes categorias de análise, as quais estão aqui arroladas: (1) os índices de pessoa; (2) os dêiticos espaciais ou temporais; (3) os tempos verbais; (4) as modalidades; (5) os diferentes tipos de representação da fala; (6) as indicações de quadros mediadores; (7) os fenômenos de modalização autonímica; (8) as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Neste artigo, dentre essas grandes categorias explicitadas por Adam (2011), optamos por examinar a categoria 5 – os diferentes tipos de representação da fala, bem como a categoria 6 – as indicações de quadros mediadores. Adam (2011) propõe abordar a categoria 6 em conformidade com Guentchéva (1994), que desenvolveu a noção de categoria gramatical do mediativo (MED), a qual permite marcar linguisticamente uma atitude de distanciamento ou de não engajamento do enunciador diante das informações expressas, uma vez que elas lhe chegaram de forma mediatizada.

Como mostra Guentchéva (1994), o valor mediativo instaura no enunciado um processo de ruptura com a origem da enunciação primeira. O enunciador não assume a responsabilidade pelo conteúdo daquilo que ele enuncia, estabelecendo uma distância entre si e o fato por ele relatado. Ele indica que não é a fonte primeira da informação, pois a recebeu de forma mediatizada.

Para complementar este quadro teórico, aproximamo--nos, também, de Calsamiglia e López Ferrero (2003), que investigaram o papel e a função de vozes da ciência em notícias de jornais espanhóis no período mais crítico da doença da *vaca louca*. Elas, por sua vez, apoiam-se em Girón Alconchel (1989), que esclarece que, no texto, antes da inserção de uma voz, o locutor introduz no seu discurso um quadro preparatório.

O quadro preparatório para a citação (GIRÓN ALCONCHEL, 1989 apud GALSAMIGLIA; LÓPEZ FERRERO, 2001, p.156) é constituído por:

- a) apresentação da identidade da voz citada, ou seja, sua apresentação por recursos linguísticos, tais como prenome, sobrenome, nome próprio, título ou honorífico, designação de *status* e posição pública, condecoração ou premiação, adjetivos relacionais etc.
- b) verbo introdutor que o locutor atribui para a voz citada;
- c) outros elementos, que não são necessários, mas possíveis de constituírem esse quadro, como narrativas, descrições, modalidades.

Portanto, o quadro preparatório é a porção precisa da citação – que também pode ser denominada pré-citação – em que há a apresentação do enunciador segundo (e2) pelo locutor. O locutor é responsável, no discurso, por criar um novo contexto para as palavras citadas, de acordo com Calsamiglia e López Ferrero (2003).

Para ampliar o que referem Calsamiglia e López Ferrero (2003), valemo-nos de Calsamiglia e Cassany (2001), também voltados ao episódio da *vaca louca* e que estabelecem algumas classificações a partir do levantamento das vozes identificadas em sua pesquisa, em função dos atores sociais que representam, a partir da forma linguística como são designados.

Calsamiglia e López Ferrero (2003), bem como Calsamiglia e Cassany (2001) se inspiraram no trabalho de van Leeuwen (1996), que elaborou um esquema relativo aos diferentes modos de representação de vozes sociais.

Calsamiglia e Cassany (2001) adotam como possibilidades de representação, ainda em conformidade com van Leeuwen (1996), as seguintes: (a) representação individual ou (b) representação coletiva (grupo); (c) representação determinada (concretude) ou (d) indeterminada (abstração); e (e) representação personalizada (pessoas ou grupos de pessoas) ou (f) impersonalizada (textos).

Após a conclusão da sua investigação, Calsamiglia e Cassany (2001) agrupam os dados resultantes do levantamento da representação de voz não científica do seu *corpus* em três grandes classificações: coletivos sociais, indivíduos representativos de alguma coletividade e textos relevantes para a sociedade. Os coletivos sociais são representados mediante uma voz coletiva (indeterminada), ou pela designação determinada de um grupo social (país, instituição, organização); os indivíduos representam os diferentes âmbitos sociais (cidadania, comércio, política, imprensa).

Para abordar os diferentes tipos de discurso relatado, trazemos a contribuição de Maingueneau (2002). Para Maingueneau (2002, p.139, grifo do autor), o discurso relatado “[...] constitui uma enunciação sobre outra enunciação; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante”. Ainda conforme o linguista, no caso da citação em discurso relatado direto (DRD)¹, o enunciador não só se exime da responsabilidade sobre as falas citadas, mas também simula a sua reconstituição. Esse tipo de discurso tem como característica o fato de “[...] dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 140).

¹ As siglas empregadas por nós para as distintas formas de representação da fala, neste artigo, são as seguintes: DRD para discurso relatado direto; DRI para discurso relatado indireto; DRM para discurso relatado mediado. O DRM distingue-se do discurso relatado indireto (DRI) assumido pelo locutor, conforme Guentchéva (1996), e não pode ser com ele confundido.

Ainda na abordagem do DRD, Maingueneau (2002) discorre sobre a questão da sua fidelidade. Para ele, por vezes, pode acontecer a reprodução fidedigna das palavras do autor citado no discurso citante. Porém, esse tipo de discurso não tem o papel de relatar fielmente as falas pronunciadas e, caso o faça, “[...] trata-se apenas de uma encenação, visando criar um efeito de autenticidade [...]”. (MAINGUENEAU, 2002, p.141, grifo do autor). Assim, o DRD tem como característica o fato de, supostamente, indicar as palavras proferidas. De qualquer modo, declara Maingueneau (2002, p.141),

[...] não há como comparar uma ocorrência de fala efetiva (com, no oral, determinada entonação, gestos, um auditório que reage...) e um enunciado citado entre aspas em contexto totalmente diverso. Como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal.

Maingueneau (2002), em seu trabalho, enumera algumas razões para justificar o emprego do DRD: (a) criar efeito de autenticidade, indicando que as falas relatadas são aquelas que foram realmente proferidas; (b) manter certo distanciamento, seja porque o enunciador citante não adere ao que é dito e não quer associar essa posição com aquela que ele realmente assume; seja porque quer explicitar, mediante esse tipo de discurso, “[...]‘sua adesão respeitosa, fazendo ver o desnível entre palavras prestigiosas, irretocáveis e as suas próprias palavras (discurso de autoridade)’, seja para evidenciar objetividade, seriedade em relação às falas proferidas”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 142).

Igualmente, Maingueneau (2002) se manifesta sobre as formas de introdução do DRD, expondo que o discurso citante, na modalidade escrita, deve satisfazer a duas exigências: indicar que houve um ato de fala e marcar o limite que o distingue do discurso citado. Os recursos que contribuem para satisfazer essas exigências são o emprego de um verbo e de alguns sinais tipográficos, como os dois pontos, os travessões, as aspas, os itálicos. Em relação às marcas tipográficas, Maingueneau (2002) lembra que, às vezes, podem ser as únicas marcas de DRD, pois o elemento introdutor pode não estar explícito.

Quanto aos verbos indicadores de uma enunciação, eles podem ser inseridos antes do DRD, em oração intercalada no interior do discurso citado, ou no final do discurso citado. Maingueneau (2002) salienta ainda que há verbos introdutórios de DRD que não designam um

ato de fala, nem mesmo são transitivos. Assim, podemos encontrar verbos como *indignar-se*, *acusar*, *lamentar*, *extrapolar*, dentre muitos outros, que não são verbos *dicendi*. Para ele, “É o fato de estarem acompanhados de DD que os converte retrospectivamente em introdutores de discurso relatado”. (MAINGUENEAU, 2002, p.144).

Em contrapartida ao DRD, Maingueneau aponta para o fato de que há um modo indireto, mediatizado (DRM), como já postulado por Guentchéva (1990, 1994, 1996) em seus trabalhos, para o enunciador indicar que não é o responsável por um enunciado. Ele o faz mostrando que está apoiando seu discurso em outro discurso, mediante marcas, como os conectores de conformidade (marcas de interesse nesta investigação). Essas marcas assinalam uma mudança de PdV (*segundo X, para X, conforme X* etc.), e cabe ao verbo introdutor fornecer o quadro no qual o discurso citado poderá ser interpretado.

Acerca do emprego do discurso relatado indireto (DRI), Maingueneau (2002, p.149) refere que “[...] o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento”. As falas em DRI são apresentadas sob a forma de uma oração subordinada objetiva direta introduzida por um verbo *dicendi*. Nesse caso, a escolha do verbo introdutor é igualmente relevante, pois pode orientar a interpretação por parte do leitor, dando determinado direcionamento ao discurso citado.

Calsamiglia e López Ferrero (2003, p.155), por sua vez, ao tratarem do discurso relatado, declaram que o uso da citação em contextos, como é o caso da mídia impressa, leva à incorporação de novos parâmetros na identificação de fórmulas de citação. Para as linguistas, ao tratarmos de dados escritos, podemos distinguir diferentes estilos:

- a) citação direta: ocorre uma ruptura entre a sintaxe do discurso citante (D1) e do discurso citado (D2), que resulta em dois enunciados diferentes colocados em relação um com o outro; os dois segmentos estão ligados por meio de justaposição e são sinalizados mediante marcadores gráficos, como dois pontos (:);
- b) citação indireta: há apenas um discurso, D1, com um único centro dêitico – uma oração subordinada introduzida por uma conjunção – e a concordância correspondente dos tempos;
- c) citação integrada: assume a forma de citação indireta, mas com segmentos (de maior ou menor extensão) assinalados como sendo citados diretamente ou

- literalmente, ou com marcação tipográfica, principalmente aspas ou fontes grifadas (em negrito ou itálico). Esse tipo de citação permite a mistura de traços sintáticos de estilo direto e indireto, frequentemente empregado por jornalistas;
- d) citação inserida: as palavras do enunciador segundo são trazidas para o discurso principal por meio de marcadores, tais como segundo X ou para X, nas palavras de X, de acordo com X, os quais assumem a função de atribuir palavras explícitas a uma voz especial (literalmente ou não literalmente, dependendo do uso de sinais gráficos de citação) sem qualquer verbo introdutor.

Na seção que segue, explicitamos a metodologia adotada, explicitando o nosso *corpus* de estudo e os procedimentos adotados para análise.

METODOLOGIA

Nesta seção, voltamo-nos para a descrição do *corpus* escolhido para investigação, bem como para a metodologia utilizada.

Para a consecução deste trabalho, selecionamos como objeto de estudo a reportagem *Smartphone: o novo cigarro*, matéria de capa da revista *Superinteressante*, publicada no mês de outubro de 2019, em versão impressa. A reportagem na versão online está publicada na seção *Comportamento*. Da reportagem impressa, escrita por Bruno Garattoni e Eduardo Szklarz, com ilustrações de Denis Freitas e design de Yasmin Ayumi, analisamos apenas o texto principal. Excluimos dela imagens, infográficos, boxes, textos complementares.

A reportagem *Smartphone: o novo cigarro* propõe-se mostrar como “[...] as gigantes da tecnologia usam estratégias da psicologia, da neurologia e até dos cassinos para transformar o celular no objeto mais viciante que já existiu (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.20). O relato começa lembrando o tempo em que fumar era normal, tempo em que “[...] as pessoas se deixavam escravizar, aos bilhões, por algo tão nocivo” (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.22), chegando ao presente, quando “[...] vamos sendo dominados por um vício ainda mais onipresente: o smartphone” (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.22). Seguem dados resultantes de pesquisas realizadas por empresas diversas, depoimentos de profissionais relacionados tanto com essa tecnologia como com os aplicativos que pode disponibilizar.

Os depoimentos inseridos na reportagem também apontam para os perigos do vício, entre outras consequências que podem advir do uso excessivo. Pesquisadores da área da psicologia, da neurologia e da biologia corroboram os perigos a que estamos sujeitos. Concluem com a possibilidade de que talvez, no futuro, “[...] olhemos para nosso uso do smartphone com a mesma incredulidade que hoje dedicamos ao tabagismo desenfreado de antigamente (“sério que as pessoas faziam isso?”). Mas não é garantido” (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.31).

Para o estudo desta reportagem, examinamos as categorias de número (5) e (6), propostas por Adam (2011) – (5) os diferentes tipos de representação da fala e (6) as indicações de quadros mediadores – manifestas no quadro preparatório das citações. A análise centra-se, portanto, na dimensão do discurso alheio, mediante a citação de uma voz convocada pelo locutor para validar ou reforçar seu próprio discurso. Observamos a relação entre o tipo de voz privilegiada – não acadêmico-científica ou acadêmico-científica² –, sua respectiva designação e frequência no discurso, ou seja, pretendemos determinar quem são as vozes às quais é atribuída responsabilidade pelo conteúdo, que testemunhos interessam considerar e a quais deles é outorgada a autoridade pelo tema. Da mesma forma, a escolha do tipo de discurso relatado – DRD, DRI, DRM – e, dentre as estratégias empregadas, do verbo introdutor constituem sobremaneira elementos de investigação.

Na sequência a esta seção, explicitamos, a partir de algumas etapas, como o nosso *corpus* de estudo é examinado.

ANÁLISE DO *CORPUS* DE ESTUDO

A análise do nosso *corpus* de estudo considera os seguintes momentos:

(1) identificação das ocorrências de representação não acadêmico-científica e respectiva designação; identificação do tipo de discurso relatado estrategicamente selecionado pelo locutor; identificação do verbo introdutor de discurso relatado; exemplificação, com excertos do nosso *corpus* de estudo, das ocorrências identificadas; elaboração de um quadro para apresentação detalhada das ocorrências.

² Optamos pelas formas *não acadêmico-científica* e *acadêmico-científica* para agrupar as representações identificadas no nosso *corpus* de estudo: entre as *não acadêmico-científicas*, incluímos aquelas cujo saber se volta para tecnologia – empresa, informática, política, texto; entre as *acadêmico-científicas*, figuram aquelas voltadas para o saber científico – psicólogo, biólogo, texto.

(2) identificação das incidências de representação acadêmico-científica e respectiva designação; identificação do tipo de discurso relatado estrategicamente selecionado pelo locutor; identificação do verbo introdutor de discurso relatado; exemplificação, com excertos do nosso *corpus* de estudo, das ocorrências identificadas; elaboração de um quadro para apresentação detalhada das ocorrências.

Na tarefa de análise do *corpus*, identificadas as ocorrências de quadros preparatórios de citação, relacionamos, a seguir, alguns segmentos que podem exemplificá-las. Neles, grifamos o quadro preparatório em negrito e o verbo introdutor com sublinhado.

Iniciamos exemplificando ocorrências de representação não acadêmico-científica no nosso *corpus* de estudo.

Exemplo 1

“Estamos colocando toda a humanidade no maior experimento psicológico já feito, sem nenhum controle. A internet é a maior máquina de persuasão e vício já construída”, diz o programador Aza Raskin (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.22, grifo nosso).

Podemos observar, no exemplo 1, a menção a uma representação não acadêmico-científica, determinada e individual, que é designada por nome completo e por sua área de atuação – programador. Como se lê no texto principal da reportagem, Raskin inventou a rolagem, um dos recursos mais fundamentais e viciantes dos *smartphones* e é um dos fundadores do *Center for Humane Technology*, ONG que reúne programadores alarmados com o impacto da indústria da tecnologia, de acordo com a reportagem. Portanto, a autoridade de que é investido, em virtude de sua área de atuação, o autoriza a tomar a palavra em DRD, marcado pelo emprego de aspas com verbo introdutor “dizer”, validando o saber que traz ao texto principal. É ele quem assume a responsabilidade enunciativa nesse espaço de locução, em conformidade com Adam (2011). Vejamos o exemplo 2.

Exemplo 2

“O smartpfone é tão viciante quanto uma máquina caça-níqueis” diz o americano Tristan Harris. E o caça-níqueis, destaca ele, é o jogo que mais causa dependência: vicia três a quatro vezes mais que outros tipos de aposta (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.22, grifo nosso).

No exemplo 2, o americano Tristan Harris, designado no cotexto por nome completo e nacionalidade, assume o PdV pelo que é dito, primeiramente em DRD, mediante o sinal de aspas e o verbo introdutor “dizer”. Nesse caso, o locutor desengaja-se da responsabilidade, atribuindo-a a outra fonte de saber (ADAM, 2011). Em seguida, novamente o locutor se exime de responsabilidade, delegando-a, em DRI com o emprego do verbo introdutor “destaca”, a ele [Tristan Harris]. Neste último caso, o saber de que Harris é a origem é recontextualizado pelo locutor, que novamente se abstém da assunção do PdV. A seguir, o exemplo 3.

Exemplo 3

Os sintomas começam a se manifestar quando a pessoa gasta mais de três horas por dia no celular, e nós já passamos disso: o brasileiro gasta em média 3h10 diárias nessa atividade, segundo **o relatório State of Mobile 2019, da empresa americana App Annie** (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.24, grifo nosso).

No exemplo 3, o locutor emprega uma referência metonímica relacionada a um texto (CALSAMIGLIA; CASSANY, 2001), neste caso o relatório *State of Mobile 2019*, para aludir à fonte da informação: a empresa americana de análise de mercado e dados móveis *App Annie*. A informação trazida assenta-se nos resultados apresentados no relatório divulgado em 2019, a fim de produzir um efeito de verdade e obter a adesão do leitor.

No mesmo exemplo 3, a opção estratégica do locutor pelo DRM, mediante o conector *segundo*, sem sinal de aspas nem verbo introdutor, revela que há atribuição de responsabilidade enunciativa ao relatório, nesse caso, respaldado pela empresa americana que o produziu. Trata-se de uma evidência de ter o locutor marcado linguisticamente a procedência da informação, isto é, não ser ele a fonte da informação. (GUENTCHÉVA, 1994, 1996).

Vejamos mais um exemplo.

Exemplo 4

“As empresas de tecnologia adotaram um modelo de negócio baseado no vício”, **afirmou o senador republicano Josh Rawley, autor do projeto**, ao apresentá-lo (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.30, grifo nosso).

No exemplo 4, visualizamos, no quadro preparatório da citação, uma representação de governo, o senador republicano Josh Rawley, de cuja autoria é o projeto que debate, no

Congresso americano, uma lei para proibir o *skroll* infinito e a execução automática de vídeos, considerados propositalmente viciantes. Em DRD, mediante aspas e com o verbo introdutor “afirmar”, o senador é a fonte do saber veiculado. O locutor isenta-se da responsabilidade pelo conteúdo do enunciado e o atribui a esta fonte de prestígio, o senador republicano, que assume a responsabilidade. O senador é a origem do saber aportado ao discurso pelo locutor.

O levantamento de todas as incidências desse tipo de representação pode ser visualizado no quadro 1, que segue:

Quadro 1 – Representação não acadêmico-científica

Representação	Identificação	Designação	Discurso relatado	Verbo introdutor
Coletiva, determinada - empresarial	*a empresa de pesquisa Dscout Research	nome, atuação	DRM	-
	*o Google	nome	DRD	afirma
Individual, determinada - tecnologia	* o americano Tristan Harris	prenome, sobrenome, nacionalidade	DRD	dizer
	*ele	pronome pessoal	-	-
	*Tristan Harris	prenome, sobrenome	DRI	destacar
	*Harris	sobrenome	DRD	dizer
	*Harris	sobrenome	DRD	afirmar
	* o programador Aza Raskin	prenome, sobrenome, especialidade, sobrenome	DRD	dizer
*Raskin	sobrenome	DRD	dizer	
* o desenvolvedor Nir Eyal no livro <i>Hooked: How to Buil Habit-Forming Products</i> (“Fisgado: como construir produtos que formam hábitos”, inédito no Brasil).	prenome, sobrenome, atividade, título de publicação, tradução do nome da publicação, ineditismo	DRD	dizer	
-	-	-	DRD	-

	* Avi Itzokovitch, fundador do UX Salon – grupo que promove encontros sobre experiência do usuário em Tel Aviv, considerada um novo Vale do Silício	prenome, sobrenome, vínculo	DRD	dizer
	*Avi -	prenome -	DRI DRD DRD	dizer - dizer
	*Avi Itzokovitch, do UX Salon	prenome, sobrenome, vínculo		
	* o especialista em UX Ron Sparks, que presta consultoria sobre o tema para empresas	prenome, sobrenome, atividade	DRD	dizer
	*Sparks	sobrenome	DRD	afirmar
	*Ron Sparks	prenome, sobrenome	DRD	dizer
Individual, determinada - empresarial	*Sean Parker, um dos fundadores e primeiro CEO do Facebook	prenome, sobrenome, vínculo	DRD	afirmar
	-	-	DRD DRD	afirmar revelar
	*Sean Parker, fundador do Facebook	prenome, sobrenome, vínculo		
	*Neal Mohan, um diretor do site YouTube	prenome, sobrenome, vínculo	DRM	revelar
Individual, determinada - política	*Josh Rawley, o senador republicano, autor do projeto	prenome, sobrenome, cargo político, partido, atividade	DRD	afirmar
Texto	* uma estimativa da empresa sueca Ericsson	trabalho realizado, nacionalidade, nome	DRM	-
	* uma pesquisa feita pela consultoria	trabalho realizado, nacionalidade, empresa	DRM	-

inglesa Tecmark.				
* o relatório <i>State of Mobile</i> 2019, da empresa americana App Annie.	trabalho realizado, nome, nacionalidade, nome		DRM	-
* uma pesquisa feita pela Adobe	trabalho realizado, nome		DRM	-
* um estudo de 2014 feito pela Telefônica	trabalho realizado, data, nome		DRI	-
* uma análise de 250 mil canais feita pelo Pew Research Center, nos EUA	trabalho realizado, amostra, nome, país		DRI	-
*uma pesquisa do Center for Humane Technology	trabalho realizado, nome		DRI	-
*uma pesquisa feita pela consultoria Deloitte	trabalho realizado, nome		DRI	constatar

Fonte: Elaboração da autora.

Finalizando essa etapa de análise da reportagem *Smartphone: o novo cigarro*, observamos, no quadro 1:

- a) duas representações coletivas e determinadas – empresas – apresentadas por nome completo e finalidade, uma em DRM com o conector “segundo”, outra em DRD com o verbo introdutor “afirmar”;
- b) cinco representações individuais da área da informática, designadas por nome completo, atividade, vínculo institucional, nacionalidade; três delas são inseridas em mais de um quadro preparatório; uma é designada também pela publicação de uma obra ainda inédita no Brasil.
- c) duas representações são individuais e determinadas de empresas, designadas por nome completo e vínculo;

- d) uma representação é individual e determinada do âmbito da política, designada por nome completo, cargo, partido e nacionalidade.
- e) oito representações impersonalizadas (texto) relacionadas a resultados de pesquisas implementadas por empresas diferenciadas.

Em continuidade à tarefa de análise do nosso corpus de estudo, expomos exemplos de ocorrências de representação acadêmico-científica identificadas. Iniciamos pelo exemplo 5.

Exemplo 5

“Está havendo um sequestro da atenção, da consciência, da perspectiva de você se conectar com o mundo à sua volta. Uma epidemia de distração”, **diz o psicólogo Cristiano Nabuco de Abreu, coordenador do Grupo de Dependência Tecnológica do Hospital de Clínicas (USP)** (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.23, grifo nosso).

A representação individual e determinada, presente no exemplo 5, é designada por sua especialidade, nome completo e vinculação institucional. Tal designação confere legitimidade ao dizer do pesquisador eleito pelo locutor para manifestar-se sobre o tema abordado no texto principal. Mediante DRD, com a inserção do verbo introdutor “dizer”, o locutor garante a legitimidade da informação que esta voz aporta ao quadro preparatório da citação. Ela é quem assume o PdV, ou seja, a responsabilidade pelo que é dito, em conformidade com Adam (2011). O exemplo 6 pode ser conferido adiante.

Exemplo 6

Uma pesquisa do Hospital Samaritano de São Paulo revelou que oito em cada dez motoristas usam celular enquanto dirigem, embora 93% deles reconheçam que isso é perigoso (GARATTONI; SZKLARZ, 2019, p.23, grifo nosso).

No exemplo 6, o locutor estabelece uma relação metonímica com o texto divulgado pelo Hospital, uma pesquisa. Tomando como opção estratégica para o emprego do DRI o verbo introdutor “revelar” acompanhado pelo conector “que”, o locutor atribui à pesquisa realizada prestígio para ser fonte de uma informação no contexto em que aparece. Portanto, o locutor, nesse contexto, exime-se da responsabilidade pelo dizer.

O levantamento total das ocorrências desse tipo de representação pode ser visualizado no quadro 2.

Quadro 2 – Representação científico-acadêmica

Representação	Identificação	Designação	Discurso relatado	Verbo introdutor
Individual, determinada	*Cristiano Nabuco de Abreu, psicólogo, coordenador do Grupo de Dependência Tecnológica do Hospital de Clínicas (USP).	prenome, sobrenome, cargo, vínculo, local	DRD	dizer
	*Robert Sapolsky, biólogo, da Universidade Stanford Sapolsky Sapolsky	prenome, sobrenome, especialidade, vínculo sobrenome sobrenome	DRI DRI DRD	mostrar acreditar declarar
Texto	*uma pesquisa do Hospital Samaritano de São Paulo	trabalho realizado, instituição, local	DRI	revelar
	*estudos	trabalho realizado	DRI	mostrar
	*um estudo da Universidade de Indiana	trabalho realizado, instituição	DRI	constatar

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro 2, de representação de voz acadêmico-científica, os dados mostram:

- a) duas representações individuais e determinadas, pesquisadores, designadas por nome completo, cargo e vínculo institucional; uma é retomada em mais de um quadro preparatório ao longo do discurso do locutor.
- b) três representações impersonalizadas – pesquisa, estudo (duas vezes) – resultantes de trabalhos acadêmico-científicos.

Feito esse levantamento quantitativo de ocorrências em que o locutor convoca outras vozes ao seu discurso, passamos à etapa de considerações finais sobre o estudo que empreendemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este trabalho investigativo, resta-nos tecer algumas considerações.

Primeiramente, podemos afirmar que investigar os mecanismos responsáveis por marcar assunção ou não assunção de RE no quadro preparatório de citação em um texto que comunica ciência a um público não especializado, como é o caso da reportagem que escolhemos como *corpus* de estudo, pode contribuir para um melhor entendimento do processo de produção de textos. Do mesmo modo, promover a sua leitura pode conduzir à formação de um leitor crítico, uma das preocupações dos divulgadores de ciência e tecnologia.

Depois, em se tratando do tema da RE nesta reportagem, a opção do locutor por inserir no seu discurso representações tanto não acadêmico-científicas como acadêmico-científicas constitui estratégia relevante para conferir autoridade e legitimidade ao conteúdo que deseja comunicar.

Em relações aos dados coletados, algumas observações são imprescindíveis. Entre elas, o fato de predominarem vozes impersonalizadas relacionadas a textos (um total de 11 indicações), como pesquisa, relatório, estudo, entre outros. São representações em que a fonte do saber é paciente, isto é, é mencionada na forma apassivada (“feita por”) sujeitada à ação de outra fonte. Essa escolha pode ser reveladora da quantidade de conhecimento produzido e divulgado sobre o tema em foco, como também da premente preocupação com as próximas gerações.

Igualmente, a expressiva presença de vozes identificadas como determinadas e individuais (um total de sete indicações), eleitas em virtude de sua área de inserção, a tecnologia, especificamente a da informática, é significativa em virtude dos propósitos do locutor. Além disso, o fato de o foco principal da reportagem, incluída na seção *Comportamento*, no site da revista *Superinteressante*, ser a discussão dos perigos advindos do vício decorrente do uso excessivo do *smartphone* e de seus aplicativos, requer a inserção de vozes da ciência. Isso não exclui a necessidade de mencionarmos que todas as demais vozes aportam, igualmente, informações que validam e atribuem credibilidade ao discurso do locutor.

Cabe ainda referir que, ao discurso do locutor, são convocadas apenas vozes masculinas. A exclusão de vozes femininas nesse discurso pode revelar tratar-se de uma área dominada pelo sexo masculino, em que as mulheres, caso se façam presentes, tem participação pouco significativa.

Também é importante salientar que as vozes eleitas são referidas com graus diferentes de formalidade (VAN LEEUWEN, 1996). Inicialmente, são mencionadas por nome completo – grau de semiformalidade; quando aparecem mais usa vez, com grau de maior formalidade –

sobrenome. Há uma única ocorrência em que a fonte da informação é introduzida pelo prenome (Avi) – grau de informalidade. Predomina, portanto, certo distanciamento entre o locutor e a voz que elege.

Como conclusão, constatamos, no contexto desta reportagem, que cabe ao locutor a eleição e a distribuição das vozes que poderão contribuir com seu saber, que garantirão a credibilidade e a legitimidade de todas as informações veiculadas. A responsabilidade enunciativa é, pois, no quadro preparatório das citações, delegada a um conjunto variado de vozes, eximindo-se o locutor, ao fazer uso da estratégia da citação, de assumir o PdV.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean-Michel. Analyse textuelle des discours: niveaux ou plans d'analyse. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 191-202, 2012.

GARATTONI, Bruno; SZKLARZ, Eduardo. Smartphone: o novo cigarro. **Superinteressante**, São Paulo, n. 408, p. 20-31, out. 2019.

GUENTCHÉVA, Zlatka. Introduction. In: Guentchéva, Z. (Org.). **L'énonciation médiatisée**. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996. p. 11-18.

GUENTCHÉVA, Zlatka. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. **Langue Française**, [S.l.], n. 102, v. 102, p. 8-23, 1994. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1994_num_102_1_5711>. Acesso em: 17 jan. 2019.

GUENTCHÉVA, Zlatka. L'énonciation médiatisée en bulgare. **Revue des Etudes Slaves**, [S.l.], t. 62, fasc. 1-2, p. 179-196, 1990. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/slave_0080-2557_1990_num_62_1_5876>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CALSAMIGLIA, H.; CASSANY, D. Voces y conceptos en la divulgación científica. **Revista Argentina de Lingüística**, [S.l.], v. 11, n. 15, p. 173–208, 2001.

CALSAMIGLIA, H.; LÓPEZ FERRERO, C. Role and positions of scientific voices: reported speech in the media. **Discourse Studies**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 147-173, 2003. Disponível em: <https://www.upf.edu/pcstacademy/_docs/role_and_position.pdf>. Acesso em: ago. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, M. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. da. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso polêmico de renúncia. In: RODRIGUES, M. das. G.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. da. (Org.). **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-195.

VAN LEEUWEN, Theo. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Ed.). **Texts and practices: reading in critical discourse analyses**. London: Routledge, 1996. cap. 3, p. 39-69. Disponível em: <<http://www.felsemiotica.org/site/wp-content/uploads/2014/10/Caldas-Coulthard-Carmen-Rosa-and-Coulthard-Malcolm-Eds.-Texts-and-Practices.-Readings-in-Critical-Discourse-Analysis.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2019.